

FRUTO DO ESPÍRITO SANTO

Gal. 5:16-25

Introdução

O texto que lista as manifestações do Espírito Santo, chamadas “o fruto do Espírito Santo” (Gal. 5:22) estão no contexto de manifestar as diferenças do fruto que é natural do homem daquele que provém de Deus. Os irmãos em Galácia foram confundidos por alguns Judeus entre eles dizendo que eram Cristãos. Estes chegaram a influenciar que os irmãos em Galácia creram algo abominável a Deus. Os judeus ensinaram aquele que Deus começou pela graça deve ser terminado com as obras do homem. Os Cristãos começaram a crer que a salvação era pela fé mas a continuação dela é pelos esforços da carne. Este erro elaborou-se dizendo que a Lei de Moisés do pecado não salva, mas por ela o Cristão é santificado (Gal. 3:3). Tal ensinamento é abominável a Deus no sentido que caracteriza a obra de Deus na salvação por Cristo uma obra imperfeita, precisando a cooperação do homem para completa-la. É o mesmo erro de Caim que cria que a prática das suas próprias obras podia agradar a Deus (Gên. 4:3; I João 3:12; Judas 11). “Todas a religiões hoje podem ser ou na categoria de Caim (salvação pelas próprias obras do homem) ou de Abel (fé na obra de Deus de prover a justiça pelo substituto de um sacrifício com sangue)” - Huckabee.

Para combater esse erro detestável, o Espírito Santo inspirou ao Apóstolo Paulo a mostrar claramente as manifestações da carne e do Espírito (Gal. 5:19-22). Com as manifestações dos dois comparadas ficaria claro que não há aspectos similares entre elas. A verdade é: o que é humana é defeituosa e não agrada a Deus; o que é divino é perfeito e não há nenhuma lei contra este. O que é nato da carne não pode produzir o que Deus requer nem o que provém de Deus comparar-se com o que é nato da carne. O defeituoso e corrompido não aperfeiçoa aquele que é perfeito. É o perfeito que aperfeiçoa o defeituoso. A salvação e o seu aperfeiçoamento completo somente é de Deus (Rom. 8:28-30; Efés. 2:6-9; Fil. 1:6; 2:13; Heb. 13:20,21; Judas 1).

Você está tentando a si salvar? Isso não funciona nunca. Se precisa de Deus, peça pela Sua misericórdia para salvar mais um pecador necessitado. Ele é grandioso em perdoar todos que venham a Ele por Cristo (Isaías 53:10,11; 55:6-8). Venha com fé em Cristo já.

A Origem do Fruto do Espírito Santo

A determinação que o “fruto” é do Espírito Santo não quer dizer que estas manifestações não sejam divinas. Deve ser entendido que o Espírito Santo é Deus. Versículos no Velho Testamento que referem-se ao Senhor Deus são atribuídas ao Espírito Santo no Novo Testamento (Êx. 17:7 e Heb. 3:7-9; Num 12:6 e II Pedro 1:21; Isaías 6:3, 8-10 e Atos 28:25-27; Sal 78:17,21 e Atos 7:51). O Espírito Santo nunca pode ser classificado meramente como a ‘força de Deus’ ou como uma *manifestação* de Deus pois Ele é o próprio Deus. João 4:24 enfaticamente afirma que “Deus é Espírito”, algo que II Cor. 3:17 colabora. I João 5:7 claramente relata que as três pessoas da trindade, que inclui o Espírito, “são um” com isso nos ensinando a divindade de cada pessoa da trindade. Conjuntamente, os próprios atributos do Espírito Santo atestam que o Espírito Santo é Deus pois as Escrituras Sagrada descrevem Ele como eterno (Heb. 9:14), onipresente (Sal 139:7-10), onipotente (Luc. 1:35) e onisciente (I Cor. 2:10,11). Não somente o nome de Deus é usado em referência ao Espírito Santo (Atos 5:3,4) mas as obras divinas da criação (Sal 104:30), da geração de vida (Gên. 2:7; Jó 33:4), a regeneração (Rom. 8:11; João 3:5-8; Tito 3:5) e a autorização da Palavra de Deus (II Pedro 1:21; II Sam 23:2,3) são atribuídas a Ele. Sendo divino, o Espírito Santo tem a mesma qualificação do Pai e do Filho. Ele é mencionado junto com o Pai e Filho em Mat. 28:19; II Cor. 13:14; I João 5:7 com a mesma qualificação (I Cor. 12:4-6). Com todo o apoio da Palavra de Deus podemos dizer que o que é manifesta como “fruto do Espírito Santo” verdadeiramente é obra do Deus Altíssimo. “Este fruto é produzido pelo Espírito Santo e não é resultado de alguma sabedoria ou esforço da carne” (Huckabee). Se desejar este fruto de Deus na sua vida precisará de Deus na sua vida. Por Cristo chegamos a Deus (João 14:6; II Cor. 5:21). Com Cristo no coração um novo

homem é nascido no interior do homem; um homem novo que zela para tudo que é de Deus. Este homem novo se manifesta pela obediência em temor de Deus. Tanto mais o homem novo cresça, mais a carne precisa morrer. Tanto mais o homem novo cresça, mais manifestação de Deus na vida. Essa manifestação não é exposição da carne, mas é o fruto do Espírito.

A Batalha contra o fruto do Espírito Santo

O “fruto” que Deus produz na vida do Cristão é verdadeiramente do Espírito Santo. Disso, não há dúvida. Todavia, a obra do Espírito Santo não está num ser divino. Está no corpo do Cristão. A graça de Deus veio a um “vaso da ira” (Romanos 9:22); a obra de Deus está “no zambujeiro” (Rom 11:17). O tesouro está em vasos de barro (II Cor. 4:7). A natureza velha do “vaso da ira”, do “zambujeiro” e do “vaso de barro” ainda continua existindo (Romanos 7:18,23). A carne não está morta, mas, na vida do Cristão, ela é crucificada continuamente (Gal. 5:24; Col. 3:5). As palavras ‘crucificação’ e a ‘mortificação’, em referência à vida Cristã, apontam à morte lenta da carne na vida do Cristão (Crisp, p. 84). Por não ser morta a *carne* (o homem velho – Efés. 4:22; Col. 3:9, o primeiro Adão – I Cor. 15:45, o pecado em nós – I João 2:16), há uma batalha constante contra o *Espírito* (o homem novo – Efés. 4:24; Col. 3:10, Cristo, o Segundo Adão, que habita em nós pelo Espírito Santo – I Cor. 6:19; II Cor 6:14-16). Estes dois opõem-se um ao outro enquanto os dois existem (Gal. 5:17). ***Pelo vaso ainda ser de barro, o fruto que agrada a Deus é do Espírito Santo.***

Além da velha natureza existir ainda no Cristão há uma outra fonte de batalhas. O Cristão é alvo dos *ataques espirituais* de Satanás e dos seus hostes espirituais de maldade (Efés. 6:12; I Pedro 5:8). Estes inimigos muitas vezes usam o próprio pecado que habita no carne do Cristão para o tentar, enfraquecer, duvidar e outras maneiras de pecar (Tiago 1:13-15). O Deus deste século (II Cor. 4:3,4) é sempre pronto para acusar (Apoc 12:10), apoderar-se (Mat. 8:31), cegar (II Cor. 4:4; I João 2:11), debilitar (Isaías 14:12), fazer discordância (II Cor. 6:15) e enganar (Apoc 20:7,8,10; 12:9). Satanás continuamente quer esbofetear (II Cor. 12:7), impedir (I Tess 2:18), opor (II Pedro 2:18), oprimir (Atos 10:38), persuadir contra os caminhos de Deus (Gal. 5:8) e perturbar os caminhos retos do Senhor (Atos 13:10). O Bezelbu, nome que refere ao Satanás como o chefe dos demônios (Mat. 12:24-26) somente vive para proferir mentiras (João 8:44), tentar (Mar 1:13) e tragar (I Pedro 5:8). Por ele ser homicida desde o começo e por nunca conhecer a verdade (João 8:44) ele trama uma batalha contra qualquer obra de Deus aonde que existir. Por isso há batalhas contra o fruto do Espírito Santo no Cristão. Essa batalha é constante (Romanos 7:15-23; Gal. 5:17) e faz o Cristão ser miserável (Romanos 7:24,25) ao ponto de almejar ser liberto da carne (Romanos 7:24,25; 8:23; II Cor. 5:4-8). Por ter tais ataques destrutivas contra o Cristão, a capacidade de servir o Senhor com uma obediência correta não vem do homem. Não vem por métodos espertos, emoções convincentes ou filosofias complexas. A verdade que o Apóstolo Paulo está ensinando é esta: a produção de algo no Cristão para a glória de Deus é a obra do Espírito Santo no Cristão.

Essa batalha contra o fruto do Espírito Santo não é de hoje somente. Os nossos antepassados tinham a mesma batalha. Isso por serem feitos do mesmo barro como nós e por Satanás não mudar a sua estratégia. Para ter exemplos das lutas que os Cristãos têm e a continuidade das batalhas entre a carne e o Espírito, o aluno da Palavra de Deus não precisa pesquisar muito para achar *muitos exemplos bíblicos dessa batalha*. A vida dos patriarcas mostra essa luta: Abraão mentiu várias vezes para salvar o seu próprio pele – Gên. 12:13; 20:2, Jacó enganou os outros várias vezes – Gên. 25:31; 27:19, e Moisés perdeu o controle – Núm. 20:11. O povo de Deus durante a peregrinação mostrou pouca fé (Êx. 14:10,11; Núm. 20:2-5), muita desobediência (Êx. 15:20; 32:1-5), murmurações (Êx. 16:8; 17:1-3; Núm. 14:2) e rebelião (Núm. 12:1; 16:1-3). Depois de conquistarem a terra prometida revelaram uma tendência para a adoração dos ídolos (no livro de Juizes não menos do que sete vezes Deus julga o Seu povo por desobediência: Juizes 2:11-14; 3:12-14; 4:1-5; 6:1; 8:33; 10:6; 13:1; 17:6). No Novo Testamento tinha contendas entre os apóstolos (Atos 15:39; Gal. 2:11) e naufrágios na fé entre os membros (I Tim 1:19,20). O próprio apóstolo Pedro negou o Senhor (Mat. 26:69-75) e as igrejas na Ásia receberam várias repreensões de Deus por vários pecados (Apoc 2,3). Os conselhos múltiplos de “vencer” (Apoc 2:7,11,17,26; 3:5,12,21) nos ensinam que houve e há uma batalha constante contra o fruto do Espírito Santo. A realidade é como Paulo disse: *“Quando quero fazer o bem, o mal está comigo”* (Romanos

7:21). Este “mal” é o pecado no Cristão e os inimigos ao redor dele. Verdadeiramente, se termos qualquer fruto para o agrado de Deus, precisaremos a obra do Espírito Santo em nossas vidas constantemente.

A vitória dessa batalha contra a carne e o Satanás, é somente pela morte. Como foi pela morte de Cristo, em submissão completa à vontade de Deus, na cruz do Calvário que venceu a morte, a lei e o pecado (I Cor. 15:55-57); como foi pelo próprio corpo de Cristo, primeiramente pregado na cruz e depois ressurrecto, que aniquilou quem tinha o império da morte (Heb 2:14); assim também é pela morte que o Cristão tem a vitória sobre o pecado e as obras de Satanás na sua vida espiritual (I Cor. 9:27; 15:31; Efés. 6:13-19; Col. 2:6). Para ter a vitória espiritual o Cristão precisa de morrer à sua carne e viver na natureza vivificada.

Essa morte do Cristão à sua carne pode ser abordada em duas maneiras: negativamente, ou aquelas práticas que devem ser esquecidas, e, positivamente, ou aquelas práticas devem ser aprendidas. *Negativamente*, o Cristão precisa conscientemente e esforçadamente “deixar” certas obras da carne (Efés. 4:25), tirar de si alguns hábitos maus (Efés. 4:31), “não andar mais” como antes (Efés. 4:17), mortificar os seus membros que estão sobre a terra (Col. 3:5) assim despojando-se de tudo o que não é santo (Col. 3:8). *Positivamente*, o Cristão precisa ativamente buscar as coisas que são de cima (Col. 3:1), pensar das coisas verdadeiras, honestas, justas, puras, amáveis e de boa fama (Fil. 4:8), renovar o homem novo pelo conhecimento de Cristo (Col. 3:10; I Pedro 2:2; Heb 5:12-14) assim revestindo-se com as obras de Deus pelo Espírito Santo (Col. 3:12-14). Esquecer dos hábitos maus da carne e aprender hábitos bons para nossa vida quotidiana é de andar no Espírito (Gal. 5:16). É a única maneira de ter a vitória sobre a carne. Essa morte a si e o andar em obediência é o fruto do Espírito Santo.

Observação

Nunca terá alguém a vitória sobre a carne sem ser enxertado primeiramente na videira verdadeira (João 15:1-5). Somente estando na videira verdadeira é estar em Cristo. Sem ser em Cristo, nada podemos fazer. O apelo nosso é: Procure ser enxertado pela obra de Deus que se manifesta no arrependimento dos pecados e na fé em Cristo Jesus – o Salvador. Se você quer essa obra em ti, peça que Deus tenha misericórdia em sua alma e que salve mais um pecador.

O “Fruto do Espírito Santo” é diferente dos “Dons ou Sinais Extraordinários”

Os dons extraordinários de Deus e o fruto do Espírito Santo são similares no aspecto que qualquer dom extraordinário e qualquer fruto parecem que têm uma fonte somente: Deus. Porém, as diferenças entre os dons extraordinários e o fruto do Espírito Santo são vastas e importantes. É edificante conhecer quais são as diferenças. As suas diferenças são evidentes quando consideradas a manifestação, a duração, o proveito, o recebimento e o propósito dos dons extraordinários em relação ao fruto do Espírito.

A Sua Manifestação

Os dons extraordinários podem ser manifestos e imitados até por incrédulos mas o fruto do Espírito Santo é manifesto somente por quem tem Cristo verdadeiramente. Os dons são inferiores ao fruto.

Judas, aquele que traiu Jesus, era um dos doze discípulos. Ele recebeu, igualmente aos outros, “poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem, e para curarem toda a enfermidade e todo o mal” (Mat. 10:1). Não há nenhuma indicação bíblica que Judas não usou a autoridade ou não operou os dons que ele recebeu (Luc. 9:6). Porém ele foi determinado “um diabo” (João 6:70), um “ladrão” (João 12:6) e “filho de perdição” (João 17:12). Judas foi manipulado por Satanás a entregar o Santo e Inocente Jesus (João 13:2). Cristo não guardou Judas até o fim (João 17:12; 13:18; I João 2:19; Atos 1:25). Por Judas ser “um diabo” podemos concluir que os dons extraordinários podem ser manifestos por incrédulos.

Ao Balaão foi revelado a palavra do Senhor pessoalmente (Núm. 22:10-12). O Espírito Santo veio sobre ele capacitando-o a falar uma profecia verídica (Núm. 24:2-9; veja também o caso de Caifás, João 11:47-53), uma evidência de dom extraordinário. Porém, Balaão era um adivinho (Josué 13:22; Núm. 24:1), que era comprado para fazer a vontade dos ímpios em amaldiçoar a Israel (Deut 23:4; II Pedro 2:15;

Judas 1:11) e ensinou o povo de Deus a cometer fornicção (Apoc 2:14). Mesmo este conhecendo o Espírito Santo, e tendo os seus olhos abertos (Núm. 24:3), Deus não o ouviu (Deut 23:5,6) e morreu pelo espada do povo de Deus (Núm. 31:8; Josué 13:22). Por Balaão ser um adivinho declarado e alguém que era um exemplo de tropeços e abominações (Apoc 2:14), de engano (Judas 1:11) e de erro (II Pedro 2:15) mas um que recebeu a Palavra do Senhor pelo Espírito Santo, podemos concluir que os dons extraordinários podem ser manifestos por incrédulos.

Falsos cristos e falsos profetas podem imitar os dons extraordinários de sinais e prodígios (Mat. 24:24) e os dons de profetizar, fazer curas e falar ousadamente ao ponto de convencer uma multidão (Apoc 13:1-8; 19:20). Mas, apesar da grandeza dos convincentes sinais e prodígios que estes farão, ainda são falsos cristos e falsos profetas. Mesmo que Deus permitirá tais obras, não é prova que são do Espírito Santo. Pela evidência destes muitos a manifestarem obras similares aos dons extraordinários podemos concluir que nem todo sinal e prodígio é de Deus e nem todos que os fazem são Cristãos.

Janes e Jambres resistiram o homem de Deus, eram homens encantadores e sábios dos meios mundanas. Eles eram homens corruptos de entendimento e réprobos quanto a fé (II Tim 3:8). Mesmo assim eles imitaram alguns sinais e alguns dos dons especiais dados por Deus ao Moisés para provar que a sua missão era de Deus (Êx. 7:10-22; 8:5-7). Por homens corruptos conseguirem a operar sinais e dons especiais podemos concluir que nem todo sinal ou prodígio é do Espírito Santo. Nem podemos afirmar que somente são os verdadeiros que podem faze-los.

Expulsar demônios em nome de Cristo, profetizar em nome de Cristo e fazer muitas maravilhas no nome de Cristo são evidências dos dons extraordinários dados aos discípulos (Mat. 10:1,8; Atos 4:30). Porém, esses dons extraordinários podem ser operados também por aqueles que não são de Deus (Mat. 7:22,23; Luc. 13:26,27). *Nem todos que fazem maravilhas irão ao céu.* Existem os que praticam os dons extraordinários que fazem iniquidade. Por existir a possibilidade de ímpios expulsarem demônios e fazer outras maravilhas, podemos concluir que os dons extraordinários do Espírito Santo podem ser manifestos pelos incrédulos.

Porém, o fruto do Espírito Santo é diferente dos dons do Espírito Santo. O fruto é somente do Espírito Santo e nunca é imitado ou vem de qualquer outra fonte. O fruto verdadeiro do Espírito Santo é exclusivamente para os que são chamados eficazmente por Deus ao arrependimento e à fé em Cristo (Atos 2:38,39). São estes que tenham uma nova natureza pela regeneração (Tito 3:5-7). Somente os que tem o interior mudado pela regeneração podem ter o fruto da nova natureza santa que é do Espírito Santo.

Pelo fruto do Espírito Santo ser somente de Deus, Jesus ensinou que conhecemos uma árvore pelos “frutos” (Mat. 7:20). Tiago ensinou a mesma verdade dizendo que de um mesmo manancial não vem água doce e amargosa (Tiago 3:11). A figueira não produz azeitonas, nem a videira figos (Tiago 3:12; Mat. 7:16). Os dons extraordinários podem ser exteriorizados até por incrédulos, mas o fruto vem somente do Espírito Santo que o produz no coração do Seu povo.

Temos a instrução de provar a todo o espírito (I João 4:1). A prova não é pelos prodígios que podem ser manifestos, pelas profecias que podem ser declaradas, pela companhia que alguém pode ter ou pelas curas que podem ser efetuadas. A prova é pelo fruto. O fruto correto é uma vida dirigida pela doutrina bíblica (I João 4:2,3). Tendo uma vida conforme a sã doutrina, em espírito e em verdade, é prova suficiente que alguém é de Deus. A vida obediente à doutrina será uma vida em conformidade ao obediente Jesus. Essa é uma prova divina que alguém é de Deus (Romanos 8:29). Verdadeiramente, pelos “frutos”, e não pelos dons extraordinários, os verdadeiros são conhecidos (Mat. 7:20).

Pela possibilidade dos dons extraordinários serem manifestos até pelos incrédulos, e pela singularidade do fruto do Espírito Santo ser somente com os em Cristo podemos destacar uma grande diferença dos dons extraordinários do fruto do Espírito Santo. Podemos concluir também que o fruto do Espírito Santo é “mais excelente” dos dons extraordinários (I Cor. 12:31-13:13).

A Sua Duração

É edificante examinar a diferença da duração dos dons extraordinários com a duração do fruto do Espírito. O que é eterno é maior e melhor do que é temporário. Por ser melhor o eterno somos exortados a ajuntar nossos tesouros no céu (Mat. 6:19,20).

Com o único propósito de superar as necessidades das igrejas apostólicas foram dados os dons extraordinários de sinais (línguas, milagres, curas, etc.) e de profecia (revelação direta aparte da Bíblia). Por causa de uma necessidade temporária entendemos que eram para o tempo apostólico somente (Crisp, p. 100, 101).

Jesus prometeu que o Espírito Santo seria enviado após Ele em nome do Pai para ensinar aos apóstolos “todas as coisas” (revelação completa) e fará que os apóstolos lembrassem “de tudo” quanto Jesus os tinha dito (inspiração) – João 14:26; 15:15. No dia que os apóstolos receberam “todas as coisas” e foram lembrados de “tudo” pelo Espírito Santo, tanto a revelação quanto o tempo necessária desses dons extraordinários de profecia, dos sonhos e das visões se completaria (I Cor. 13:10). A duração dos dons extraordinários de profecia era até completara o seu propósito.

Os dons extraordinários de sinais (línguas, milagres, curas, etc.) foram úteis para confirmar o ofício de apóstolo (II Cor. 12:12), que a sua mensagem era de Deus (Mar 16:17, 18,20, “confirmando a palavra com os sinais que se seguiram”; Hebreus 2:3,4), e para ajudar aos apóstolos a pregarem o Evangelho (Romanos 15:18,19). Com a revelação sendo completa, os dons extraordinários de sinais foram aniquilados (I Cor. 13:10). Tendo a revelação completa sabemos quem é de Deus e qual a mensagem de Deus (Atos 17:11; II Tim 3:16,17; Hebreus 4:12; I João 4:1-3). Não precisamos os dons extraordinários de sinais hoje para confirmar a mensagem. O Espírito Santo ainda ajuda-nos hoje a pregar, mas, essa ajuda não é pelos dons extraordinários. O ministério do Espírito Santo hoje é pela Sua graça e pela Sua operação de despertamento, de convencimento, de iluminação e de regeneração pela Palavra de Deus no coração dos que serão salvos. Portanto, o tempo útil dos dons e sinais foi relativamente curto.

O fruto do Espírito Santo, que é o dom geral do Espírito Santo, porém, é para todo Cristão continuamente (Romanos 8:9,14; I Pedro 4:10). O fruto do Espírito Santo em geral continua enquanto tiver o Espírito Santo. Manifestações do fruto que são somente necessários para nós na terra (fé, esperança, temperança) cedem a sua importância às manifestações do Espírito Santo que são eternas (amor, gozo, paz). A duração do fruto do Espírito Santo, em geral, é eterna.

A duração dos dons extraordinários sendo curta e a do fruto do Espírito Santo sendo eterna revela uma diferença entre eles. Os dons extraordinários são inferiores ao fruto do Espírito quando considerado o tempo útil de cada um. Entendendo a duração dos dois podemos entender que o amor é “mais excelente” que os “melhores dons” (I Cor. 12:31- I Cor. 13:13).

O Seu Proveito

Comparando o proveito espiritual entre o fruto do Espírito e os dons extraordinários pode ser bom para o servo do Senhor. O Cristão sincero deve querer seguir o que mais conforma ele na imagem do seu Salvador.

É verdade que os dons extraordinários podem ser usados como meio de glorificação pessoal e podem ser mal entendidos pelo povo. Na igreja em Corinto houve problemas entre os irmãos justamente por causa dos dons extraordinários. Pelos dons chamar atenção muitos por ciúmes quisera-os. O apóstolo Paulo precisava ensinar que os dons extraordinários eram dados particularmente pelo Espírito Santo e que não eram procurados por todos que tinha-os (I Cor. 12:4-10, 12-31). Pelas descensões, contendas, ciúmes e partidarismo entre os cristãos em Corinto, podemos entender melhor que os dons extraordinários poderiam ser usados como meio de glorificação pessoal (I Cor. 3:3-5). Os dons extraordinários poderiam ser mal-entendidos também. Simão, o mágico, viu os dons extraordinários e entendia erradamente que

poderiam ser comprados pelo dinheiro (Atos 8:18,19). Em Lystra, os dons extraordinários foram confundidos com as obras dos Deuses falsos (atos 14:11-13). É verdade que esses últimos dois exemplos mostram que os dons extraordinários foram mal interpretados pelos *não crentes*. Todavia se relembro que os dons extraordinários foram usados como meio de glorificação pessoal *pelos crentes*, se pode entender que até os cristãos mal entendiam o uso dos dons extraordinários.

O fruto do Espírito Santo, em contrapartida, previne-se de abusos de fins egoísticos. O apóstolo Paulo descreveu aos Coríntios como o amor é mais excelente do que os melhores dons (I Cor. 12:31). O amor é mais excelente do que os melhores dons pela qualidade de que ele “não se ensoberbece” (I Cor. 13:4), “não busca os seus interesses” (I Cor. 13:5), “e tudo sofre” (I Cor. 13:6). O apóstolo Paulo também ensinou Timóteo que aquilo que vem da carne “para pouco aproveita”, mas, a piedade, que é particularmente a obra do Espírito, “para tudo é proveitosa” (I Tim 4:8). “A ciência incha, mas o amor edifica” (I Cor. 8:1).

Examinando o mal uso e o mau entendimento que os dons extraordinários podem causar, e examinando o proveito da obra do Espírito pelo Seu fruto podemos concluir que o fruto do Espírito Santo é superior aos dons extraordinários.

O Seu Recebimento

Séria edificante para determinar quem recebeu os dons extraordinários com quem recebeu o fruto do Espírito Santo. Com uma comparação pode-se determinar as diferenças vastas e importantes entre eles. Sabendo quem recebeu os dons extraordinários e o fruto do Espírito Santo podemos ser edificados a procurar o melhor.

Os dons extraordinários eram distribuídos aos discípulos somente (Mat. 10:1,7,8; Mar 3:15; Luc. 10:9). Os sinais extraordinários eram para seguir “aos que creem” (os discípulos - Mar 16:17,18). Os sinais não eram para seguir os que crêem ou crerão mas aos com quem Cristo estava dando ordens particularmente, ou seja, os discípulos. Séria muito edificante estudar pelo Novo Testamento e examinar cada caso dos dons extraordinários e dos sinais extraordinários sendo feitos. Tal estudo revelará que os dons e sinais extraordinários foram praticados ou nas suas presenças, ou pelos próprios discípulos, os apóstolos, Cristo, os anjos e pelos testemunhas (Apoc 11:3) ou pelos servos especiais (Zacarias, Luc. 1:67; sacerdote, João 11:51; Agabus, Atos 21:10,11). É singular notar que não foram praticados em todos os cultos normais de todas as igrejas verdadeiras existentes por todos os Cristãos em geral. Foram praticados em ocasiões específicas por pessoas determinadas por tempo limitado.

O fruto do Espírito Santo, em comparação, é para todos que estão em Cristo (Romanos 8:9,14; **Gal 4:6**; 5:24; I João 3:24). A regeneração é efeito do Espírito Santo (João 3:5; Tito 3:5,6). Os que não tem o Espírito, não são de Cristo (Romanos 8:9; Judas 1:19-21). Aos membros da igreja em Corinto foi dito, “*vós* sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em *vós*” (I Cor. 3:16; 6:19). A mesma foi entendida por João quando ele escreveu, “Maior é o que está *em vós* do que o que está no mundo.” (I João 4:4). São os Cristãos em geral que foram selados com o Espírito Santo da promessa (Efés. 1:13, 14) e em Quem eles são juntamente edificados para morada de Deus (Efés. 2:22). Todos os cristãos têm o Espírito Santo; são selados por Ele e, por Ele, transformados na imagem de Cristo.

Enquanto o fruto do Espírito Santo nunca falha (I Cor. 13:8) e o temor e a obediência estão com toda a alma regenerada (Atos 2:41-43), os sinais e as obras extraordinários eram sinais de apostolado (II Cor. 12:12) e eram feitos somente por estes (Atos 2:43) ou na presença deles. Pelo fruto do Espírito Santo ser para todos os regenerados para todo o tempo, ele é superior daquele que é somente para alguns por um tempo limitado.

Aviso: Não busque os dons extraordinários, mas busque Cristo. Por Cristo vem a salvação (João 14:6), a nova natureza (II Cor. 5:16), e a eterna aceitação com Deus (Efés. 1:6:2:14). Os dons eram somente dados para alguns para destacar a pessoa de Cristo e a mensagem de Cristo. Todavia pelo fruto do Espírito Santo somos salvos (Efés. 2:8,9). Crede na pessoa de Cristo e na Sua mensagem! Não seja desviado do essencial, o Cristo, pelos meios empregados por Deus para falar de Cristo em uma época

específica somente por alguns em particular. Tem Cristo? Eis a importância. Por Ele é manifesta a obra do Espírito Santo na sua vida.

O Seu Propósito

Seria edificante para o aluno da Palavra de Deus comparar o propósito dos dons e o propósito do fruto do Espírito Santo. Tanto os dons quanto o fruto são de Deus mas vieram com propósitos *não iguais*.

O propósito dos dons extraordinários era de confirmar. O propósito dos dons extraordinários confirmava que a palavra pregada por Cristo, os discípulos e os apóstolos era verdadeiramente a Palavra de Deus e não uma invenção particular. Confirmavam a autoridade deles também. *As obras extraordinárias confirmaram a Palavra de Deus pregada*. A doutrina ensinada por Cristo era admirada por ser “com autoridade” (Luc. 4:31,32). Quando Cristo repreendeu um demônio imundo não foi a obra que foi glorificada mas a “palavra” de Cristo (Luc. 4:33-36). A Palavra foi confirmada com as obras extraordinárias que A acompanhou. Na cura de um leproso por Jesus, a obra extraordinária propagava a fama de Cristo (Luc. 5:12-15). A fama de Cristo aumentou por causa da obra que *confirmou o Seu poder* divino. A obra extraordinária confirmou que Cristo tinha o poder de Deus. Na cura de um paralisado por Jesus, a obra *extraordinária confirmou a divindade de Cristo* (Luc. 5:17-26). Pela obra extraordinária o povo “ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus; e ficaram cheios de temor”. A obra extraordinária confirmou que Cristo era o próprio Deus (Luc. 5:21-24). Na cura no sábado de um homem com uma mão mirrada, a obra extraordinária *confirmou a autoridade de Cristo* (Luc. 6:6-11; v 5, “O Filho do homem é Senhor até do sábado”; João 5:36, “as mesmas obras que eu faço, *testificam de mim*, que o Pai me enviou”). Pelos dons extraordinários, a palavra foi confirmada, o poder de Cristo testemunhado, a divindade de Cristo exaltada e a autoridade de Cristo manifesta. O que foi destacado não foi os dons extraordinários, mas a pessoa de Cristo e as Suas qualidades.

O propósito dos dons extraordinários era para ser *útil* (I Cor. 12:7, “a manifestação do Espírito é dada a cada uma, *para o que for o útil*”). A utilidade dos dons extraordinários é vista pois confirmava a palavra ou o mensageiro vindo de Deus. Os dons extraordinários poderiam ser *edificantes* (I Cor. 14:3-5,12,26, “faça-se tudo para edificação”). A edificação provida pelos dons extraordinários é quando entendemos que a verdade confirmada foi aceita como de Deus. Os dons extraordinários em si não era nem úteis nem edificantes, mas foram proveitosos pois confirmava a palavra e o mensageiro de Deus.

O propósito do fruto do Espírito não é para confirmar uma obra qualquer, uma pessoa em particular ou a autoridade de Cristo. O propósito do fruto do Espírito é *provar a verdadeira espiritualidade*. Esse é um propósito “mais excelente” do que o dos dons (I Cor. 12:31). Se tivessem línguas, profecias ou um sacrifício pessoal sem o fruto do Espírito Santo, tudo seria sem proveito (I Cor. 13:1-3). Pelo fruto do Espírito Santo a verdadeira espiritualidade é conhecida ao ponto que, pelo amor, o fruto do Espírito, “todos conhecerão que *sois meus discípulos*” (João 13:35). Pelo fruto do Espírito, e não pelos dons extraordinários, a religião pura e imaculada é testemunhada (Tiago 1:27). Pelo fruto do Espírito a boca da ignorância dos homens insensatos é tapada (I Pedro 2:15). Pela *união* com o Pai, o Filho e os discípulos “o mundo creia que Tu Me enviaste”, e não pelos dons extraordinários (João 17:21). O propósito do fruto do Espírito, pela obediência, é ter o amor de Deus verdadeiramente aperfeiçoado (I João 2:5-10; 3:10). O Tito nos ensina que os que crêem em Deus procuram aplicar-se, não as obras extraordinárias, mas, às boas obras porque estas coisas são boas e proveitosas aos homens (Tito 3:8; Efés. 2:10). *A vida casta*, em temor a Deus, prega alta é ganha os incrédulos que a consideram (I Pedro 3:2-6).

Estudando o propósito dos dons extraordinários e o propósito do fruto do Espírito Santo podemos concluir que o propósito do fruto é melhor. Mesmo que os dons extraordinários têm propósitos divinos e podem originar de Deus, eles são superados por aquilo mais excelente: o fruto do Espírito Santo. Se os dons não foram operados com amor, nada aproveitariam e seriam inúteis. Porém, o amor nunca falha (I Cor. 13:8) e a piedade é proveitosa para todas as coisas (I Tim 4:8) tanto para agora quanto para a eternidade.

Portanto, para nossa edificação, e pela edificação da igreja, procuraremos o “mais excelente”. O fruto do Espírito é manifesto somente pelo salvos verdadeiramente (Mat. 7:20; Romanos 8:9) enquanto os dons extraordinários podem ser manifestos pelos incrédulos. A duração do fruto é eterno (I Cor. 13:13), mas os dons extraordinários são para um tempo específico somente: a época dos apóstolos. O proveito dos dons pode ser para auto-glorificação (I Cor. 12:1-31; 3:3-5), mas o do fruto previne desses exageros (I Cor. 13:4-7). O recebimento dos dons era para pessoas em particular e não todos os cristãos, mas o fruto é para todos em Cristo (Gal. 4:6). A verdadeira espiritualidade não é pelos dons, mesmo que estes podem apontar ao Cristo, mas é pelo fruto do Espírito Santo em amor.

Procure ser controlado pelo Espírito Santo em tudo e procure a capacidade que vem de Deus para fazer a obediência amorosa devida. Assim não faltará nada na sua vida espiritual e Cristo será testificado e glorificado pela sua vida. Tem coisa melhor do que isso?

A Unidade do “Fruto”

No tempo dos apóstolos, os dons extraordinários (palavra de sabedoria e da ciência, a fé, de cura, o discernimento dos espíritos, a variedade de línguas e a interpretação delas) e as operações maravilhosas (das maravilhas e da profecia), podiam ser distribuídos diferentemente conforme o Espírito Santo quisera e como Deus desejava (I Cor. 12:4,6, 8-11, 28-31). Durante a época apostólica, os ministérios (apóstolo, profeta, evangelista, pastor e doutor) podiam ser distribuídos diferentemente conforme o Espírito Santo operava em cada um (I Cor. 12:5, 8, 29). Ainda hoje Deus vocaciona homens em particular para os ministérios que são necessários para a obra contínua da igreja (evangelistas, pastores e doutores – Efés. 4:11-16; I Tim 3:1; II Tim 2:2). Todavia o fruto do Espírito Santo não é distribuído em componentes separados para alguns em especial conforme uma designação prévia.

O fruto do Espírito Santo é uma unidade inseparável. Pode ser que um irmão é mais crescido ou mais maduro na fé que um outro, mas o fruto é um e não nove frutos distribuídos com distinção entre alguns irmãos em particular. A unidade do fruto pode ser considerada pelo atributo do Espírito Santo e também pela Sua obra.

O *atributo* do Espírito Santo que é o vínculo, ou aquele que liga tudo na unidade do fruto, é o amor (Col. 3:14). A qualidade do amor sendo aquele elemento que relaciona todas as características do fruto como uma só unidade pode ser entendida quando se considera que o fruto dele é realmente uma operação do Espírito Santo. O próprio Espírito Santo é Deus e sabemos que Deus é amor (I João 4:8, 16). O amor é o cumprimento de toda a lei (Romanos 13:8-10; Tiago 2:8; I João 4:12-16). O amor de uns aos outros é a obediência completa do mandamento de Cristo (João 15:12,13). Assim, também o amor é um resumo de todo o fruto do Espírito Santo. O Espírito Santo não é dividido em nove categorias de fruto diferentes, mas, o amor pode se manifestar em várias maneiras (I Cor. 13:4-7). Pelo atributo do amor, entendemos que o fruto do Espírito Santo é uma unidade.

A *obra* do Espírito Santo também nos ensina da unidade do seu fruto. Será que podemos separar o fruto do Espírito Santo da própria obra dEle? Somente podemos responder: Quando o Espírito Santo estiver operando, o Seu fruto estará presente juntamente (II Cor. 3:17, “... onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.”). O fruto manifesta a Sua obra. A obra específica do Espírito Santo é testificar de Cristo e não de Si mesmo (João 15:26; 16:13,14). Se a obra do Espírito Santo é testificar de Cristo, o Seu fruto testificará de outra coisa a não ser de Cristo? Se Deus é Espírito (João 4:24) e Deus é Amor (I João 4:8,16), e se por Cristo somos um com o Pai (João 14:6; 17:22-24), como poderia o fruto do Espírito Santo manifestar algo outro a não ser Cristo? Em Cristo, ou na obra do Espírito Santo, é manifesta a unidade do fruto. O propósito da salvação é de transformar pecadores na imagem de Cristo (Romanos 8:29). Essa salvação vem pela obra do Espírito Santo (João 16:8-11; Tito 3:5,6). Pelo Espírito Santo ensinando-nos pela Palavra de Deus (João 14:26) somos santificados (João 17:17) ou, em outras palavras, somos feitos mais e mais na imagem de Cristo. O fruto da obra do Espírito Santo é que somos como Cristo em Quem Deus recebe toda a glória (Mat. 3:17; 17:5; João 12:28). Sendo mais e mais como Cristo, as Suas qualidades são mais e mais evidentes em nós. É nessa altura, sendo feito conforme a imagem de

Cristo, mais e mais o fruto do Espírito Santo é manifesto (Gal. 5:22). Pela obra do Espírito Santo nos trazer à imagem de Cristo a unidade do Seu fruto é manifesta.

Quando falamos do fruto do Espírito Santo, a pergunta não é se tenha paz, a fé, a longanimidade, etc. A pergunta correta é: está em Cristo? Estar em Cristo para a salvação e ser mais e mais como Ele em vida é fruto do Espírito Santo. Não procure obras especiais, ministérios espetaculares ou operações esplendidas, nem mais fruto do que um outro do Espírito Santo. Procure ser como Cristo! Ore que se cresça mais na Sua imagem pois é esta a obra do Espírito Santo e é o Seu fruto.

A Natureza do Fruto

Existe união no fruto do Espírito Santo, e mesmo assim, a natureza do fruto pode ser estudada nas suas várias características. Queremos estudar uma característica por vez para entendê-las melhor.

O Amor

A natureza do fruto do Espírito chamada “amor” vem da palavra grega *ÁGAPE*. Essa palavra significa: benevolência, amor, boa vontade, caridade (# 26, *Strong’s*). A essência do ágape é de *dar valor*. É usado na bíblia para mostrar o amor de Deus ao homem e do homem a Deus (I João 4:19), e, do homem aos seus inimigos (Mat. 5:44). Devemos lembrar que a obra do Espírito Santo é de fazer-nos conformes a imagem de Cristo (Romanos 8:29). A obra do Espírito Santo é de testificar de Cristo (João 15:26). Quando o Espírito Santo opera em nós, seremos feitos como Ele e o amor será o seu fruto, pois Deus é amor (I João 4:8).

Pela obra do Espírito Santo nos conformar a Cristo entendemos a beleza do amor. Por trazer nos conforme a Cristo entendemos que o amor “não faz mal ao próximo” e é “o cumprimento da lei” (Romanos 13:10); é o “vínculo da perfeição” (Col. 3:14); “cobrirá a multidão de pecados” (I Pedro 4:8); “lança fora o temor” (I João 4:18), e é maior do que a nossa fé e esperança (I Cor. 13:13).

Pela obra do Espírito Santo nos conformar a Cristo entendemos que o amor verdadeiro é declarativo. A testemunha da prática do amor é uma declaração forte que somos discípulos de Cristo (João 13:35), uma declaração tão forte que ela pode humilhar os nossos inimigos (Prov. 25:22; João 15:13) e pregar Cristo (Romanos 5:8; I João 3:16).

Pela obra do Espírito Santo nos conformar a Cristo entendemos que o amor verdadeiro é um catalisador. A obra do Espírito Santo não é fraca mas efetua o que foi enviada a fazer. Pelo amor verdadeiro ser exercitado para conosco, nós chegamos a amar a Deus (I João 4:19) ao ponto que os Seus mandamentos não são pesados (I João 5:3). “O amor de Cristo nos constrange” a morremos a nós mesmos e a vivermos para a Sua glória (II Cor. 5:14,15).

Pela obra do Espírito Santo nos conformar a Cristo e entendendo que a natureza velha continua conosco há uma necessidade de crescer em Cristo. Crescendo em Cristo é de crescer no amor. Por isso as exortações que o amor seja aumentado (I Tess 3:12). Quando crescamos em Cristo, Deus é glorificado. Por isso o amor deve ser provocado a crescer (Fil. 1:9; Hebreus 10:24).

Somente quando somos controlados pelo Espírito Santo podemos conhecer o verdadeiro amor, e Cristo será testemunhando em nossas vidas.

O Gozo

O gozo que é o fruto do Espírito Santo vem da palavra grega, *XARA* (#5479, *Strong’s*) e significa: gozo, alegria e felicidade.

Essa alegria, como é evidente, sendo fruto do Espírito, não é da carne ou da sua natureza. Não é uma emoção da carne pois a carne é corrupta e não habita nenhum bem espiritual nela (Romanos 7:18,23; Gal. 5:17).

Essa alegria que é fruto do Espírito Santo vem das coisas espirituais e através de um crescimento nem conhecimento das posições que o Cristão tem em Cristo Jesus (justificação, adoção, santificação e glorificação – I Cor. 1:30).

Este gozo espiritual é uma realidade, mas, às vezes, é impossível explicá-la (I Pedro 1:8).

Este gozo vem pela operação e da influência do Espírito Santo na vida do Cristão. É especialmente evidente naquela obra do Espírito Santo que traz o Cristão a conhecer Deus melhor ao ponto de crer nas suas promessas.

O Cristão que é cheio do Espírito Santo serve o Senhor. Servindo ao Senhor o Cristão tem “alegria e bondade de coração” (Deut 28:47). O Espírito Santo focaliza, pela sua obra pela Palavra de Deus (I João 1:4), as atenções do Cristão em Deus como com bondoso e misericordioso Salvador.

Por Cristo ser o meio pelo qual o Cristão recebe a “justiça de Deus” (II Cor. 5:21) e “as bênçãos espirituais nos lugares celestiais” (Efés. 1:3), Cristo é o alvo do amor do Cristão. Tanto mais que o Cristão ama Deus por Cristo, mais conhece a Sua pessoa e obra, e por elas, o Cristão é confortado, animado, instruído e tem o gozo que é o fruto da influência do Espírito Santo.

Tanto mais conhece o Senhor e obedece Ele, mais terá o gozo dEle pois conhece Ele melhor. Tanto menos que teme ao Senhor e despreza os Seus princípios, menos “alegria da sua salvação” terá (Sal. 51:11,12) pois menos relembra das Suas belezas.

Mais como Cristo estamos, mais temos o gozo dEle (João 4:32; 17:25,26).

O descrente não conhece esse gozo. Ele é morto espiritualmente e não ama a Cristo, a Luz (João 3:19). O descrente é separado de Deus e não tem esperança nenhuma a gozar da presença eterna de Deus.

Concluimos então que este gozo é divino e somente o Cristão obediente e fiel pode conhecê-lo. Podemos exercitar nos em filosofias bem estruturadas, os pensamentos positivos, ou nos esforços físicos para sentir melhor nas nossas emoções durante o nosso caminhar terrestre, mas, o fim desse “gozo” é desânimo e ilusão. Tal tentativa é da carne somente e terá o fruto da carne (Gal. 6:8). O que é espiritual vem somente de Deus por Cristo pela Palavra. Está em Cristo? Está *como* Cristo?

A Paz

A paz que é fruto do Espírito Santo vem da palavra grega: eirene (#1515, Strong's). Essa palavra grega pode significar: estado de tranqüilidade nacional; harmonia entre indivíduos, concórdia; a paz do Messias; segurança para com Deus pelo sacrifício de Cristo; o lugar celestial para o justos depois da morte (Strong's). A paz particular que é fruto do Espírito Santo ao Cristão não é aquela que pode ser feito por tratados nacionais ou individuais, mas, daquele estado de harmonia e segurança espiritual para com Deus por Jesus Cristo.

Para o ímpio, não há essa paz espiritual com Deus por Jesus Cristo (Isaías 48:22). Quando consideramos que os descrentes são mortos espiritualmente (Efés. 2:1), ignorantes espiritualmente (I Cor. 2:14), impotentes espiritualmente (Romanos 8:8; João 5:40), e amam mais as trevas do que a Luz (João 3:19), podemos entender porque os caminhos deles são destruição e miséria (Romanos 3:16,17). Entendendo o fim do pecado sendo a morte eterna (Romanos 6:23; Mat. 25:46; Apoc 20:11-15), podemos entender por que Deus diz: “Não há paz para os ímpios” (Isaías 57:21). Para os que estão fora de Cristo existe somente uma “certa expectativa horrível de juízo” (Hebreus 10:27).

A paz verdadeira, para com Deus, não vem pelas obras da carne (emoção, intenção, emprego, escolaridade, status) ou de religião (filosofias, ordenanças, doutrinas, obras boas). As obras da carne estão manifestas (Gal. 5:19,20) que tenham nada a ver com a paz verdadeira que é fruto do Espírito Santo.

Para ter paz para com Deus, o pecador precisa de um substituto idôneo que satisfaz todas as qualificações de um Deus eterno, santo, justo, soberano e perfeito. Este substituto no Velho testamento foi simbolizado pelas ofertas do sacrifício *pacífico* (Lev 3:1-9). Pela fé naquele que foi representado pelo sacrifício

pacífico, os crentes do Velho testamento obedeciam e fizeram uma expiação em referência aos seus pecados. Pela fé em Cristo, quem foi representado pelos sacrifícios, os pecados foram perdoados (Lev 4:26-35).

Cristo foi simbolizado pelos sacrifícios pacíficos. Em tempo oportuno, Cristo, pelo Espírito eterno, se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus. Todos que crêem pela fé na sua obra de salvação, têm as consciências purificadas (Hebreus 9:14). A paz espiritual para com Deus é a consequência da obra de Cristo para o Cristão *agora*. A paz eterna é a consequência da obra de Cristo para o Cristão no *futuro*. Pela obra de Cristo consumada ser o meio pelo qual o pecador possa ter a paz, Cristo disse assim que foi ressuscitado: “Paz seja convosco” (Luc. 24:36; João 20:19,21,26). Temos paz com Deus agora pela obra de Cristo (Efés. 2:15-18). Você já está em Cristo? Não há paz para com Deus a não ser pelo filho de Deus e pela sua obra.

O Cristão tem responsabilidades no seu crescimento espiritual, e com esse crescimento, ele amadureça em paz. O Cristão participa no crescimento pelos exercícios espirituais: a oração (Fil. 4:6,7), pela atenção à Palavra de Deus (Fil. 4:8), pelo obediência da Palavra de Deus (Fil. 4:9) e, pela correção (Hebreus 12:11). Tudo que traz o Cristão ao conformidade da imagem de Cristo, traz paz interna. Aquele que conhece o seu Deus fará proezas (Daniel 11:32; Sal. 1:1-4). Essas proezas podem ser paz pela obediência no meio da tempestade (I Pedro 3:6; Sal. 119:165). Bem-aventurado é aquele que confia no Senhor (Sal. 84:5).

Existe paz. Não é para os ímpios, mas é para os que estão em Cristo e que crescem nEle.

A Longanimidade

A palavra grega traduzida *longanimidade* no Novo Testamento é *makrothumia* (#3115, Strong's). Basicamente essa palavra significa paciência, constância, firmeza, perseverança; ser vagarosa em tomar vingança. Mais detalhadamente, longanimidade não é igual à paciência pura mas somente relacionada com ela. Longanimidade quer dizer restringir-se para não vingar um mal. É o oposto de ira ou de tomar vingança. A própria paciência pura é o oposto de covardia ou pânico. Nisso entendemos que longanimidade e paciência são geralmente relacionados, mas, são um pouco diferentes.

A longanimidade verdadeira é uma qualidade de *Deus*. Deus é tido como longânime (Romanos 2:4; 9:22; I Pedro 3:20). Deus revela a sua longanimidade na suas ações *para com o pecador*. Entendemos a sua longanimidade em que Ele deve vingança ao pecador. Ele declarou claramente desde o começo que a alma que pecar essa morrerá (Gên. 2:17; Ezequiel 18:20; Romanos 6:23). Mesmo com o homem sabendo o mandamento do Senhor, rejeitou todo o seu conselho e não quis a Sua repreensão (Prov. 1:25,30). O homem feito na imagem de Deus tornou-se um inimigo de Deus (Romanos 8:6-8). A justiça de Deus pede um julgamento severo de tais rebeldes. Mas, o Deus longânime, *espera em e* ao homem pecador pão, roupa, chuva, sol e relacionamentos alegres da vida (Mat. 5:45). Verdadeiramente, em geral, o SENHOR é bom para todos, e a suas misericórdias são sobre todas as suas obras (Sal. 145:9). Se o pecador considerasse essas qualidades de Deus para com o pecador, ele seria levado ao arrependimento (Romanos 2:4).

A longanimidade verdadeira é uma qualidade de *Deus para com o Cristão* também. *O Cristão deve a Deus adoração pura*. Deus deu Seu filho santo e Unigênito para o salvo. Ele o deu a sua graça particular e abriu a Palavra de Deus para o seu coração pela obra do Espírito Santo. Ele também o deu o ministério da igreja e outras milhares bênçãos espirituais nos lugares celestiais (Efés. 1:3; Jer. 31:3; João 3:16). Porém, o Cristão não faz o bem que a nova natureza deseja (Romanos 7:19), dando uma atenção maior a pessoas, objetos, posições e lógica. *O Cristão deve a Deus o louvor perfeito*. Não há outro igual a Deus, nem há alguém tão fiel quanto Deus para o Cristão. O Cristão nunca conhecerá alguém tão precioso quanto o seu Salvador. O Cristão tem toda razão a cantar: “Quem tenho eu nos céus senão a ti? e na terra não há quem eu desejo além de ti” (Sal. 73:25). Mas, apesar das perfeições de Deus para com o Cristão, o Cristão reclama das suas inconveniências e esquece das bênçãos que têm nEle. Porém, Deus permanece fiel (II Tim 2:13); as suas misericórdias não tem fim (Lam. 3:23) e lembra da estrutura do homem que é somente pó (Sal. 103:19). Graças a Deus pela sua longanimidade!

A longanimidade é uma característica *de Cristo*. A Cristo merece a glória eterna (Apoc 5:13). Cristo é o Jeová (Hebreus 1:8), o santo (II Cor. 5:21), um com o Pai (João 10:30). Cristo é o único filho de Deus (João 3:16) e em quem Deus recebe prazer (Mat. 3:17; João 12:28). Cristo é a menina dos olhos de Deus (Prov. 8:30). Mas, Cristo tomou a descendência de homem (Romanos 8:3), foi feito pecado no lugar de pecadores (II Cor. 5:21; Isaías 53:6), foi feito maldição pelos eleitos (Gal. 3:13) e levou toda a sua condenação *sem abrir a sua boca* (Isaías 53:7). Em vez de Deus deixar cair a Sua justiça sobre o homem, Ele fez que ela caísse sobre Cristo. Cristo obedeceu até a morte cruel da Cruz sem reclamar, retaliar, resmungar ou rebelar. Cristo foi longânime para com os salvos (I Tim 1:15,16).

A longanimidade é um atributo da *vida Cristã*. Foram os profetas descritos como longânimes (Tiago 5:10) e são os cristãos que são mandados a praticar longanimidade (II Cor. 6:3-7; Efés. 4:1-3; Col. 3:12,13; II Tim 4:2).

A longanimidade verdadeira não é obra do homem natural o da carne. A carne e o mundo têm os seus frutos que não são comparados em nenhuma maneira com a longanimidade (I João 2:16; Gal. 5:19-21; Romanos 7:18-23). Entre os homens existem boas maneiras, ética, paciência uns com os outros. Essas qualidades são boas mas não inclui aquela longanimidade que é fruto do Espírito Santo. Esta longanimidade, que o homem natural exercita, é fruto de educação ou de uma personalidade amena. Essa obra da carne não procura louvar Deus em verdade mas procura dá louvor ao homem e procura ser uma obra boa para merecer Deus. É nada mais e nada menos que uma obra moral que o homem natural pode exercitar.

A longanimidade verdadeira é uma obra do Espírito Santo nos cristãos. É a atividade do Espírito Santo testificar de Cristo (João 15:26). A obra do Espírito Santo para com o Cristão guia-o em toda verdade e ensina-lo de Cristo (João 14:26). O Espírito Santo convence o Cristão de toda a verdade (João 16:11). Enquanto o Espírito Santo opera em nossa vida livremente ele nos conforma a imagem de Cristo. Sendo como Cristo exercitaremos longanimidade para com aqueles fora de Cristo e aqueles outros cristãos que estão sendo feitos conforme a imagem de Cristo.

O Cristão tem uma responsabilidade em tudo disso. Ele precisa ficar imerso na Palavra de Deus pois ela age como um espelho mostrando-os a imagem de Cristo e revelando a carne (Tiago 1:23-25). Precisamos procurar crescer na graça (II Pedro 3:18) para ser mais como Cristo. Precisamos diariamente e constantemente mortificar à carne em nossos membros (Col. 3:1-11) sabendo que a carne não herdará o reino de Deus (Gal. 5:21).

Pelas qualidades que agradam a Deus não serem fruto da carne entendemos que a vida Cristã não se vive pelos esforços da carne mas pela graça de Deus através da obra do Espírito Santo em nós por Jesus Cristo. Já está em Cristo Jesus? Somente nessa maneira pode ter este fruto que agrada o Senhor.

A Benignidade

A benignidade vem da palavra grega *xrenstótes* que significa utilidade, como por exemplo: excelência moral em caráter e ações (# 5543, Strong's). É um espírito amável e benevolente visto naqueles que caminham com Deus (Ron Crisp). É a qualidade de ser suave, brando, agradável ou não perigoso nem maligno (Dicionário Aurélio Eletrônico, benigno). A benignidade é o oposta de franqueza na conversa sem amor e sem uma preocupação a ajudar um outro. São as ações de dissensão, de derramar o sangue inocente e de destruir o que é bom.

A situação do homem sem a obra do Espírito Santo, é que ele naturalmente não faz “o bem” (Romanos 3:12, #5543). As obras da carne manifestem a falta da excelência moral em caráter e ações. As obras da carne são descritas como sendo heresias, impureza, inimizades, porfias, iras e pelejas (Gal. 5:19-21). O fim do homem que não tem a obra do Espírito Santo na sua vida é não entrar no céu. Não entrará aquele que comete abominações (Apoc 21:27). Se você não for salvo, não procure melhorar as obras da sua carne, mas procure a graça de Deus e fazer a obra do Espírito Santo no seu coração.

A situação do homem pecador manifesta a necessidade de um Deus severo e benigno (Romanos 11:22). Graças a Deus por ele fazer o que é o útil para o homem pecador. Deus manifesta o seu amor aos ingratos e aos injustos pois ele lhes dá roupa, pão, saúde, alegria de relacionamentos humanos, longa vida, etc.

Em tudo isso ele se mostra benigno (Luc. 6:35, “porque ele é benigno até para com os ingratos e maus”). Deus mostra sua benignidade em que ele é misericordioso, pois deu seu filho Unigênito no lugar dos pecadores rebeldes e abomináveis (Romanos 5:8). Deus ainda enviou seu Espírito Santo a convencer pecadores dos seus pecados, testificou de Cristo a eles e é paciente para com eles. Essas são algumas das riquezas da sua benignidade que logicamente deve levar o pecador ao arrependimento (Romanos 2:4, “Ou despreza tu as riquezas da sua benignidade ... ignorando que a benignidade de Deus te leva ao arrependimento?”). Verdadeiramente, somos salvos pela graça de Deus em mostrar a sua benignidade e amor aos rebeldes pecadores (Tito 3:4; Efés. 2:7). Ai do homem que depende em algo que somente a carne pode produzir para o salvar. Abençoado é o homem que tem Deus integralmente seu Salvador.

A operação do Espírito Santo no Cristão é testificar de Cristo e trazer os Seus à Sua imagem (João 15:26; Romanos 8:29). Não deve ser surpresa então que os cristãos manifestam a beleza deste fruto do Espírito Santo (Gal. 5:22; II Cor. 6:6). Pelos cristãos conhecerem Cristo e a obra da benignidade de Deus, eles são trazidos à imagem do Salvador. Por isso são exortados a terem entranhas de misericórdia, e benignidade uns para com os outros cristãos. Por isso são exortados a suportar uns aos outros e perdoar uns aos outros e “se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vos também” (Col. 3:12,13; Efés. 4:32). A razão maior de ser assim para com os outros na fé é por já ter provado que o Senhor é benigno (I Pedro 2:3). A excelência moral que vem de Deus somente pode ser fruto do seu Espírito. Andai então em Espírito, e não compreis a concupiscência da carne (Gal. 5:16,25).

Entendemos então que a salvação, do começo até ao fim, é a obra de Deus pelo Espírito Santo. O princípio da salvação tal como a manutenção dela eternamente é de maneira nenhuma fruto da obra da carne (João 1:13). O fruto do *Espírito Santo* é benignidade (Gal. 5:22). Não é a obra da carne que é benigno. O amor verdadeiro é benigno (I Cor. 13:4, # 5543). Eis a mensagem do livro de Gálatas e a razão pela qual o apóstolo Paulo coloca a lista do fruto do Espírito nesta epístola.

Como vai a sua vida? Está cheia do Espírito Santo? Tem a obra do Espírito Santo na sua vida? Se tiver, dê graças a Deus e continua procurando a Sua graça para crescer nesta transformação a ser como Cristo. Se não tiver, peça a graça de Deus a morrer à carne que nunca herdará o reino de Deus.

A Bondade

A palavra grega traduzida bondade é *agathosune* que significa bondade; virtude ou beneficência. Essa palavra grega vem de outra palavra que significa “bom” em qualquer sentido, muitas vezes é usada como pronome (#19, Strongs). A bondade que é fruto do Espírito Santo é *uma moral geral e excelente que não tem motivos secundários* (Crisp). Essa palavra grega é usada quatro vezes no Novo Testamento (Romanos 15:14; Gal. 5:22; Efés. 5:9; II Tess 1:11).

A bíblia mostra que Deus é cheio de bondade. Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1:17). Entendemos que todos os talentos que temos, qualquer vocação que possuímos, a própria salvação que regozijamos, as diversas utilidades que podemos ter na vida para com os outros e as alegrias saudáveis que conhecemos, vêm de Deus que é “bom para todos” (Sal. 145:9; II Tess 1:11).

A bíblia mostra que Cristo exemplifica a bondade. Ele “andou fazendo bem, e curando todos os oprimidos do diabo, por que Deus estava com Ele” (Atos 10:38). E Cristo não tinha motivos secundários na sua obra de bondade para com os outros (Romanos 15:3). As curas feitas, o perdão dado (João 8:10,11), a sua humilhação (Fil. 2:7) não foi para Si engrandecer mas para fazer a vontade do Pai para que Ele fosse glorificado (João 17:1,4; Mat. 26:39, “não seja como Eu quero, mas como tu queres”). O exemplo verdadeiro de bondade vemos claramente na pessoa de Cristo.

O homem naturalmente não tem essa bondade, pois, sem a obra de Deus, não há ninguém que faça o bem (Sal. 14:1-3; 53:1-3). O homem naturalmente procura somente a si agradar e tomar proveito dos outros. Isto sabemos pelas listas das obras da carne pela bíblia (Mat. 15:19; I Cor. 6:9,10; Gal. 5:19-21; Col. 3:5,8,9; II Tim 3:2-5).

A obra do Espírito Santo no Cristão traz ele a ser como Cristo (João 15:26; Romanos 8:29). Quando somos como Cristo desejaremos de agradar ao nosso próximo no que é bom para a edificação pois isto é como Cristo fez que é o que Ele nos deseja (Romanos 15:1-2). Quando somos satisfeitos a agradar o Senhor, para ele receber toda a glória, sem motivos secundários da nossa parte, somos como Cristo. O apóstolo Paulo está ensinando as igrejas da Galácia que tal atitude e propósito não é resultado de nenhum esforço da carne, mas é fruto do Espírito Santo.

Tem este fruto na sua vida? Não seja satisfeito com aquela moralidade que o homem natural pode ter através de ética e de boas maneiras. Procure ser cheio do Espírito (Efés. 5:18-21).

A Fé

A palavra grega que é traduzida “fé” é *pistis*. Essa palavra significa a convicção da verdade em relação a Deus e a Cristo; pode ser também o conjunto de doutrinas que estabeleça a verdade (# 4102, Strongs). A fé é *crença* e *confiança*. É *crença* pois *crê* em fatos e em declarações ou a sinceridade de uma pessoa. É *confiança* pois *confia* na veracidade do fato, da declaração ou da pessoa. A crença está num fato, numa declaração ou numa pessoa, mas, a confiança evidencia-se em tomar digno aquele fato, declaração ou pessoa como base das ações. O fruto do Espírito Santo que é a fé faz que cremos em Deus por Cristo e confiamos na sua palavra ao ponto de obedecermos ela.

Como tudo o que se diz evangélico não é da verdade, também toda e qualquer fé não é a verdadeira. Existem imitações da fé verdadeira. Existe muita fé falsa. Há os que têm a sua fé em espíritos, em idolatria, em filosofias, em sinais, em emoções, em coincidências, na astrologia, etc. A fé verdadeira porém é dom de Deus (Efés. 2:8,9), pelo Espírito Santo (Gal. 5:22) e é única (Efés. 4:5). As imitações da fé verdadeira incluem a fé histórica, a fé intelectual, a fé implícita, e a fé temporária. Para melhorar nosso entendimento desse fruto do Espírito Santo queremos examinar um pouquinho as imitações da fé verdadeira.

A fé histórica é uma a simples crença que existiu um homem chamado Cristo o passado. Os demônios crêem em Deus, sabem que ele existiu e existe, mas esta crença não é salvadora (Tiago 2:19) pois não tem confiança nos fatos. Em Atos 8:13-24 temos o caso de Simão, o mágico. Ele creu e foi batizado, mas, com tempo, revelou que não tinha “parte nem sorte nesta palavra” pois o seu coração não era reto diante de Deus. O mesmo pode ser dito de Judas. Um soldado presente na hora da crucificação de Cristo foi empolgado pelos fatos históricos e declarou: “que verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mat. 27:54). Esta poderia ser uma declaração baseada somente na fé histórica. Há muitos hoje também que aceitem Cristo como uma pessoa boa na história mas devemos entender que este tipo de fé não tem valor salvador.

A fé intelectual é parecida com a fé histórica e com a fé verdadeira. A fé intelectual reconhece que os fatos bíblicos são verdadeiros. A fé intelectual não tem dúvida que Cristo nasceu de uma virgem, era o Filho de Deus, morreu no lugar dos pecadores, ressuscitou, foi ao céu e voltará novamente à terra pois a Bíblia manifesta estes fatos e *tudo é lógico*. As multidões clamava na ocasião da entrada de Cristo em Jerusalém: “Hosana ao filho de Davi; bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas!” (Mat. 21:1-11). Porém, quando foi crucificado Cristo “todo o povo” disse: “o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.” (Mat. 27:25). Aparentemente a fé da multidão era uma crença intelectual somente, pois, se fosse uma fé verdadeira confiariam em Cristo para a salvação e não pensariam que Ele fosse digna de crucificação. A mesma coisa pode ser dita dos muitos dos judeus que creram nEle em Jerusalém. Tinham uma fé que gostou das palavras de Cristo mas não no significado delas, pois, quando entenderam o que ele quis dizer “pegaram pedras para lhe atirarem” (João 8:30-59). Na hora de Jesus curar, saíram muitos demônios que clamavam: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus.” (Luc. 4:41). Porém, apesar da declaração e crença, não foram convertidos estes. É manifestado que eles tinham somente um reconhecimento intelectual e não uma fé verdadeira.

A fé implícita é definida melhor pelo ditado, “fé na fé”. A fé implícita crê simplesmente para crer. É de crer em algo sem prova nenhuma. Os católicos dizem que a fé deve ser na igreja, ou melhor, simplesmente crer nas suas doutrinas pela autoridade dela mesma e não por causa do reconhecimento de nenhuma verdade (Boyce, p. 389). Seria a mesma coisa dos evangélicos dizerem: “crê na Bíblia somente para a salvação” sem primeiramente ensinar o que ela diz. O Cristão verdadeiro não crê em Cristo simplesmente por crer nEle, mas, por Ele ser revelado ao seu coração pelo Espírito Santo e assim, confia na Sua obra, segundo as Escrituras, como tudo suficiente para o tornar aceitável diante de Deus. Os

A fé temporária é uma fé enganosa. Essa fé recebe intelectual e alegremente os fatos históricos da verdade. Essa fé entendemos pela parábola do semeador (Mar 4:1-20). É simbolizada pela semente que caiu sobre pedregais (Mar 4:5, 16, 18). A parábola nos ensina que a terra não era boa. Isto quer dizer que este não caiu em um coração regenerado. Com tempo é entendida que essa fé era falsa por ser temporária. Essa fé enganosa é evidenciada por não continuar a confiar em Cristo nem ter uma crescente devoção e serviço a Ele. A fé temporária é manifesta como falsa por não crescer na graça e conhecimento de Cristo. O amor da Palavra de Deus, e a responsabilidade de ouvir Ela pregada e obedece-la logo torna cansativo para os com essa fé traiçoeira. O amor do povo de Deus e a santidade de Deus que pede uma crescente distância do pecado não é uma realidade nos que conhecem apenas essa fé pérfida.

A fé verdadeira e salvadora, apesar da mente participar nela, é do *coração* também (Romanos 10:9,10). É um conhecimento *experimental* da verdade de Deus e do poder de Cristo. Esta fé não é uma empolgação emocional ou um mero convencimento mental mas é o dom de Deus no coração dos Seus (Mat. 16:16,17; João 6:37, 64-69; Efés. 1:19,20) que leva o Cristão a confiar inteiramente nas Suas palavras para tudo que precisa para ser apresentado o agradável diante de Deus. É manifesta por um arrependimento e repúdio ao pecado e um amor por tudo que agrada o Salvador.

A fé verdadeira tem o pai, na qualidade de Deus, como objetivo dela. Crê e confia que Deus é santo e um juiz justo que julgará o mundo por Jesus Cristo (Atos 17:31). Sabe e espera na sua misericórdia e amor manifestos no seu Filho (Romanos 5:8). A fé verdadeira tem na confiança que Deus pode e vai assegurar a salvação final do Seu povo (Fil. 1:6; I Pedro 1:5).

A fé verdadeira tem Deus, na qualidade de Pai, o seu alvo. A verdadeira fé descansa no Pai que nos amou primeiro (II Tess 2:16; I João 4:19) e nos adotou como filhos (I João 3:1,2; Romanos 8:17). A fé verdadeira põe a sua confiança no Pai como Aquele que nos deu a graça (Tiago 1:17) e grandíssimas e preciosas promessas (II Pedro 1:4; II Cor. 1:20).

A fé verdadeira tem a pessoa e obra de Cristo como o seu alvo. A fé verdadeira tem por certo a divindade de Cristo (Atos 8:37, “creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”) sem esquecer que Cristo também é homem e nos representou completamente levando em Si os nossos pecados na Sua morte para nossa salvação (II Cor. 5:21). A fé verdadeira aceita completamente o desejo amoroso de Cristo que pecadores arrependidos venham a Ele para o seu descanso espiritual (Mat. 11:28-30).

A fé verdadeira *olha* a Cristo (Isaías 45:22; João 3:14,15), *venha* a Cristo (Isaías 55:1; Mat. 11: 28; João 6:37, 44, 45, 65), *ponha o seu refúgio* nEle (Hebreus 6:18), *come e bebe* dEle (João 6:51-58) e *recebe* Ele (Col. 2:6).

A fé verdadeira tem evidências importantes. Essas evidências de uma fé verdadeira incluem a *purificação do coração* (Atos 15:9, “purificado seus corações pela fé”; Mat. 5:8, “Bem aventurado os limpos de coração”; I Pedro 1:22). O coração onde reside a fé verdadeira se limpa de todos os seus ídolos impuros para servir o Santo (I Tess 1:9, “e como dos ídolos dos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro”); *obediência em amor* (Gal. 5:6, “à fé que opera pelo amor”). Pela fé verdadeira o Cristão agrada Deus, resiste e o diabo e mortifica a carne, tudo isso não como um pesado mandamento mas, pelo amor (I João 5:3, “Porque este é o amor de Deus: que guarda demos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.”); *vitoriosa* (I João 5:4, “e esta é a vitória que vence o mundo, a

nossa fé.”). Sendo “nascido de Deus” o Cristão verdadeiro tem uma mente de iluminada e por isso sabe que o mundo é vã e que as coisa espirituais são as únicas coisas que podem se satisfazer completamente (Lam 3:24).

Considerando essas verdades, podemos entender que a fé verdadeira não é uma mera aceitação mental de história ou de fatos importantes. É o fruto do Espírito de Deus (Gal. 5:22) do coração dos Seus. Esta fé não manifesta-se somente em conhecimento intelectual e declarações verbais mas *manifesta-se em obras* de obediência à Palavra de Deus em amor (Gal. 5:6; Efés. 2:10; Tiago 2:17; I Tess 1:9). Aquele que tem essa fé verdadeira pode declarar de seu coração como Pedro: “Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo.” (João 11:27; Mat. 16:16; Mar 8:29); como o eunuco: “creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Atos 8:37); como Natanael: “Rabi, tu és o Filho de Deus: tu és o Rei de Israel.” (João 1:49), e, como Paulo pregava de Cristo que este “é o Filho de Deus” (Atos 9:20). Essa fé verdadeira e salvadora vem pela Palavra de Deus tanto no Velho Testamento (Gal. 3:8; Hebreus 4:2) quanto no Novo Testamento (Romanos 10:11-17).

Se conhece essa fé verdadeira, tem muitos motivos para louvar ao Senhor eternamente pois o que Ele começou, aperfeiçoará até o dia perfeito (Fil. 1:6). Temos motivos para perseverar na fé Cristã e lutar contra o pecado pois essa fé vence o mundo (I João 5:4). Temos motivo para avançar na causa de Cristo com confiança na obediência, pois Aquele que nos chamou, também fará o que Ele prometeu (Hebreus 10:23; I Tess 5:24; Mat. 16:18). Os que conhecem a fé verdadeira tem uma mensagem viva e transformadora vindo de Deus e não um produto dos homens para pregar com ousadia ao mundo em trevas.

Quando Paulo ensinou os irmãos em Gálatas do fruto do Espírito ele manifestou o fato que a espiritualidade não é fruto das obras do homem mas sim de Deus por ter Espírito. Para ter essa fé verdadeira dirige-se a Deus clamando o ao santo que ele tem misericórdia em mais um pecador e o salve o teu filho Jesus Cristo segundo as Escrituras.

Mansidão

O Espírito Santo testifica de Cristo e transforma o Cristão na imagem de Cristo. O que é incluído nesta característica do fruto do Espírito Santo? Como Cristo exemplificou essa qualidade? Como a mansidão é vista nas vidas dos cristãos pela Palavra de Deus? Qual é a utilidade de mansidão?

A palavra grega *prástes* (#4236, Strong's) é traduzida “mansidão” em nossa bíblia (Trinitariana). A mansidão inclui as qualidades de humildade. Humildade, como alguns pensam, não é a qualidade de desprezar das qualidades que possamos ter, mas é qualidade de que não pensar que somos algo melhor de que um outro por termos tais qualidades. A mansidão tem as qualidades de humildade. Mas mansidão tem mais do que as qualidades de humildade. A mansidão tem também a atitude de mente que faz uma pessoa aceitar com amor aquilo que Deus traz a nossa vida pessoalmente ou por terceiros. Mansidão é poder sobre controle (Koenig).

Cristo exemplificou a mansidão na Sua vida. Cristo, o onipotente e onisciente Deus, não quebrou a cana trilhada nem apagou o pavio que fumegava mas, com verdade trouxe a justiça (Isaías 42:3; Mat. 12:20). Cristo, o Unigênito do pai e o eterno Salvador e Juiz de todos entrou em Jerusalém assentado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho de animal de carga (Mat. 21:5). Cristo, com todas as suas qualidades divinas sujeitou-se a seu pai e esvaziou se a si mesmo, e humilhou-se a si mesmo à morte de cruz (Fil. 2:5-8). Cristo não desprezou as suas qualidades divinas, mas, voluntariamente se sujeitou as limitações da carne para aceitar como amor aquilo que Deus decretou a ele fazer em prol dos pecadores para a glória de Deus.

Cristo exemplificou a mansidão nas suas reações. Quando Cristo foi injuriado, ele não injuriou. Quando Cristo padecia, ele não ameaçou. Contrariamente ele entregou-se àquele que julga justamente (I Pedro 2:22-24; Isaías 53:7). A mansidão de Cristo é reconhecida em que ele aceitou a injustiça contra ele como vindo de Deus (Isaías 53:4, “ferido de Deus”; Isaías 53:6, “o SENHOR fé as cair sobre ele a iniquidade

de nós todos”; Isaías 53:10, “Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar”; Mat. 27:46, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. A sua reação para com os homens que com as mãos de injustos crucificaram e mataram ele, era de mansidão. Cristo orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Atos 2:23; Luc. 23:34). Quando o testemunho de Cristo não foi crido, ele sofreu com isso (Mat. 17:17). Quando o seus desviaram-se, em vez de deixá-los a comer os frutos amargos dos seus próprios atos, Ele foi atrás deles e os trouxe de volta em amor (Mat. 18:11-13).

Por Cristo ser nosso exemplo, somos instruídos a considerar com ele suportou tais contradições dos pecadores contra ele mesmo para quem não enfraquecemos nem desfalecemos em nossos ânimos (Hebreus 12:2,3). A imagem de Cristo é o nosso alvo para vivermos para glorificar Deus. “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com Ele todas as coisas?” (Romanos 8:32). Quando a situação é difícil, e somos injuriados ou quando é a nossa vez para padeceremos, vamos esperar no Senhor, o justo e onisciente soberano Deus (Isaías 40:31). Ele fará o que está certo com aquele que espera nEle (Sal. 34:18; Isaías 57:15).

A qualidade de mansidão está à vista também na vida de outros como Estevão (Atos 7:57-60); Paulo (II Tim 1:12; 2:9, “sofro ... como um malfeitor”); Moisés (Núm. 12:3; #x 32:32) e as mulheres santas (I Pedro 4:4-6, “no incorruptível traje de um espírito manso e quieto”).

A utilidade da mansidão é a admitida na ocasião das repreensões (Gal. 6:1; II Tim 2:25). A importância da mansidão é que por ela andamos dignos da nossa vocação (Efés. 4:1-3). A mansidão não é o fruto que o Cristão deve procurar pois faz parte do homem novo (Col. 3:10-14; I Tim 6:11). Essa característica do fruto do Espírito Santo faz parte da sua vida Cristã?

A Temperança

O que significa essa característica do fruto do Espírito Santo? Como Cristo exemplificou a temperança? Quais são algumas conseqüências da falta dessa qualidade? Como podemos exercitar-nos nessa característica do fruto do Espírito Santo?

A palavra grega *egkrateia* que é traduzida ‘temperança’ significa autocontrole (especialmente continência – reserva ou moderação, #1466, Strong’s) e, pelo autocontrole., a temperança mais se evidencia.

Cristo, o nosso ideal modelo, exemplificou a temperança. Ele poderia exaltar-se, mas, com reserva e moderação, subjugou-se à vontade de Deus até a morte e, essa, a da cruz (Fil. 2:5-8). Cristo praticou o autocontrole quando habitou em carne e era desprezado pelos homens. Quando Cristo sofreu fome, sede, cansaço e tristeza, Ele não abriu a sua boca em retaliação, mas, praticando a temperança, não retaliou-se mas entregava-se àquele que julga justamente (I Pedro 2:21-23).

Os, que padecem como cristãos, pela obra do Espírito Santo, devem seguir o exemplo de Cristo e encomendar a suas almas ao fiel Criador, fazendo *o bem* (I Pedro 4:14-19). Somente estando como o moderado Cristo nessa maneira exemplificaremos essa característica da obra de Espírito Santo.

A falta de autocontrole traz estragos terríveis.

Quando o Adão e a Eva não exercitaram o autocontrole em respeito a confiança na bondade e mandamento de Deus, eles comeram do fruto proibido (Gên. 3:6). Essa falta de autocontrole trouxe a desobediência, a vergonha, o medo, a dor e a separação da presença de Deus (Gên. 3:7-24). A falta de continência trouxe uma perda de uma abençoada posição da imagem de Deus neles e trouxe a maldição, a condenação e a morte de geração em geração (Romanos 5:12).

Quando o Rei Davi não praticou o autocontrole em respeito às paixões, ele cometeu adultério e um homicídio (II Sam 11). Essa falta de temperança trouxe desdém, vergonha, maiores pecados, morte de inocentes e perde de bênçãos na sua vida. Na vida dos seus descendentes, trouxe ciúmes, incesto, vaidade, usurpação da sua autoridade e vários assassinatos na sua família (II Sam 12:10-14)

Quando Salomão, o homem mais sábio do mundo, mostrou a falta de moderação, pelo excesso de suas liberdades, cometeu abominação diante de seu Deus (I Reis 11:2-6). A falta de reserva causou ele a

perder o seu coração aos ídolos e trouxe a ira de Deus contra ele, provocou a divisão do seu reinado, e findou em escravidão para seu povo.

O apóstolo Pedro, pela falta de autocontrole das emoções, negou a sua intimidade com Cristo (Mat. 26:69-75). Essa falta trouxe amargos conseqüências. Por entregar-se ao seu medo, Pedro perdeu uma oportunidade idônea para testificar de Cristo publicamente, de identificar-se com Cristo e de crescer em virtude pessoal.

Podemos pensar das vidas de Moisés (Núm. 20:11,12), Jonas (Jonas 1:3;4:2,3), Tomé (João 20:25) e das nossas próprias para termos mais lições dos estragos terríveis que a falta dessa característica do Espírito Santo traz.

Para não termos esses estragos, precisamos a obra do Espírito Santo pelo novo homem, nos trazer mais à imagem de Cristo (Romanos 8:29; João 15:26; 16:13,14; Col. 3:10). Essa obra do Espírito Santo em nós é exemplificado quando identificamos as reações da carne em nós. *Tudo que inflama a carne opera contra a temperança* (Gal. 5:19-21; Col. 3:8-10; Tiago 1:20). Temos que ser como um atleta, que subjuga o seu corpo e o reduz à servidão, para alcançar o prêmio (I Cor. 9:25-27). Temos que resistir as tentações da carne constantemente (I Cor. 10:13; I Pedro 5:8,9) procurando a graça de Deus para ajudar-nos em tempo oportuno. Subjugamos o corpo sim, mas não com os esforços da carne, porém com a graça de Deus (Hebreus 4:16; Efés. 6:12,13). Tendo a imagem de Cristo em nós, é recompensa suficiente.

Para crescer em temperança, precisamos aumentar o nosso conhecimento bíblico. O fruto do Espírito Santo não vem aparte da Palavra de Deus. A santificação vem pela palavra da verdade (João 17:17). Crescemos através de uma dieta constante da Palavra de Deus (I Pedro 2:2). Se não tivermos maior “conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória em virtude” não vamos ter tudo o que diz ao respeito à vida e piedade, algo que inclui a “temperança” (II Pedro 1:3-8). Quando aprendemos da Palavra de Deus e alimentamos a nossa alma crescendo na graça, somos fortalecidos a morrer à carne e, assim, somos transformados à imagem do nosso Salvador. Com esse processo espiritual veremos essa característica do Espírito Santo em nossas vidas. As bênçãos de ser morto a carne valem muito a pena!

Conclusão

Não existe nada da obra do Espírito Santo que é contra a lei, a de Moisés (v 23, “contra estas coisas não há lei”). A Lei de Moisés não tem nada contra nenhuma destas manifestações do Espírito Santo. Em verdade, a Lei de Moisés cumpre-se pela obra do Espírito Santo, pois a lei nos pede a amar a Deus em primeiro lugar (Mar 12:30). A obra do Espírito Santo nos traz à imagem de Cristo que sempre glorifica a Deus (Romanos 8:29; João 8:29, “ eu faço sempre o que lhe agrada”; 15:26; 16:13). Aquela pessoa que não está em Cristo ainda está sem a obra do Espírito Santo e por isso ainda está debaixo da lei e da condenação.

A Lei de Moisés cumpre-se pela obra do Espírito Santo pois a lei nos pede a amar ao nosso próximo como a nós nos amamos (Mar 12:31; Tiago 2:8). Aquele que é conformado à imagem de Cristo, pela obra do Espírito Santo, amará ao seu próximo com o a Lei de Moisés pede (Romanos 13:10, “o cumprimento da lei é o amor”. Qualquer pessoa que não tem a obra do Espírito Santo na sua vida nunca chegará à imagem de Cristo, e, por isso, nunca agradecerá a Deus (Romanos 8:6-8) apesar de muitos e tremendos esforços.

Se tivermos a obra constante do Espírito Santo em nossas vidas seremos como Cristo. Pela obra do Espírito Santo chegamos a estar em Cristo (João 16:8-14). Ele também trará os Seus à imagem de Cristo (Fil. 1:6). Estando em Cristo lavado pelo Seu sangue não somos mais debaixo da lei (Gal. 5:18). Para o Cristão, Cristo cumpriu a lei e resgatou-o da maldição da lei (Gal. 3:13). Estando em Cristo, pela obra do Espírito Santo, não procuramos as boas obras para nos salvar. Temos uma eterna redenção em Cristo (Hebreus 9:12). Cristo salva perfeitamente os que por Ele chegam a Deus (Hebreus 7:25). Cristo também apresentará o Cristão diante de Deus aperfeiçoado (Judas 24.25). O que é necessário para o pecador é entrar em Cristo pelo arrependimento e a fé verdadeira. O que é necessário para o Cristão é ser

transformado mais e mais na imagem de Cristo pela obra do Espírito Santo nos trazendo a ser mais obedientes à Palavra de Deus.

Existem obras espirituais, denominadas 'boas', na vida do Cristão, sem a menor dúvida (Efés. 2:10; Mat. 5:16). Porém, devemos lembrar: são pela ação do Espírito Santo na pessoa que já é uma nova criatura em Cristo. Nunca as obras 'boas' têm o propósito de fazer qualquer pecador uma nova criatura (II Cor. 5:17, "se alguém está em Cristo, nova criatura é ..."; Isaías 64:6; Tito 3:5). Por já termos o amor, a obra do Espírito Santo, amamos o Senhor e guardamos os Seus mandamentos (João 14:15; I João 4:19). De maneira nenhuma as obras de homem algum impressionarão o santo Deus.

Que você possa conhecer bem a obra do Espírito Santo que vem de Deus; que vence a batalha contra a carne; que é diferente e melhor dos dons extraordinários, e, que manifesta-se em nove características que são evidentes no Cristão na medida que ele se transforma na imagem de Cristo.

Bibliografia

- BARKMAN, Robert Russel, *In Spirit and In Truth*. PunkinDar Press, Collinsville, 1996.
- BAXTER, Sidlow, J., *Explore the Book*. Zondervan Publishing House, Grand Rapids, 1966.
- Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, São Paulo, 1994.
- BOYCE, JAMES P. *Abstract of Systematic Theology*. sc, Christian Gospel Foundation, s.d.
- Concordância Fiel do Novo Testamento*. São José dos Campos, Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, vol. I e II, 1994.
- CRISP, Ron, *Um Esboço do Estudo sobre a Pessoa e a Obra do Espírito Santo*. Bryan Station Baptist Church, Lexington, 1998.
- HENRY, Matthew, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible*. Guardian Press, Grand Rapids, 1976.
- HUCKABEE, Davis W., *Galatians, Sunday School Lessons*. S/c., s/d.
- PIETZSCHKE, Fritz, *Novo Michaelis Dicionário Ilustrado*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 23ª Edição, 1978.
- POOLE, Matthew, *A Commentary on the Holy Bible*. MacDonald Publishing Company, McLean, s/d.
- STRONG, JAMES LL.D., S.T.D. *Abington's Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*. Nashville, Abingdon, 1980.